

Caixa de papelão com tampa de concreto

Alguns acontecimentos em nossos sítios vêm causando apreensão entre todos que conhecem o perigo da execução de obras de construção sem responsabilidade técnica competente. São desabamentos; rachaduras nas paredes que aumentam rapidamente, coisas que provocam problemas para os donos dos imóveis e para seus vizinhos, transtornos com os órgãos públicos e outras consequências.

O caso das lages que muita gente gosta de usar para substituir os telhados de madeira é um dos exemplos mais citados.

Vamos fazer uma comparação pra entendermos o perigo.

Vamos imaginar uma caixa de papelão tampada com uma dessas pedras de piso feitas com concreto. Se a caixa for nova, bem equilibrada, em local plano, o conjunto das paredes ainda dá pra agüentar algum tempo, até cansar, embora seja de material frágil e fino. Agora vamos começar a abrir buracos como se fossem janelas. Vamos fazendo furos, aqui e ali, à vontade. Agora vamos pegar a caixa e colocar num local em declive, como uma ladeira. Vamos bater no chão, bem perto da caixa, como se fossem ônibus, carros e caminhões passando. Ah, sim, a caixa deve estar assentada em chão de areia, como se fosse terreno natural. Agora, com uma mangueira vamos começar a espargir água, como se fosse uma chuva fininha. Vamos notar como a areia vai indo embora, devagarinho e sempre, o alicerce aparecendo, aparecendo... É QUEDA CERTA!

Vamos tomar mais cuidado. Vamos procurar órgãos e profissionais que possam orientar os serviços. Aqui no Centro estamos à disposição — utilizem.

E lembrem que em Olinda a maioria das casas são coladas uma nas outras. Seu vizinho não vai querer pagar por sua "idéia maravilhosa" de reforma e ampliação. Tudo tem que ser feito, quando necessário, com critério. No mínimo, algum critério.

A HISTÓRIA DE ROQUE FOGUETEIRO

Leia na pág. 3

O Cupim



Foral

Nº 2 — AGOSTO/1981

Começou a restauração da Igreja de São Sebastião

Leia na pág. 2

O MERCADO DA RIBEIRA ESTÁ PRONTO

Vai ser devolvido ao uso mais um prédio restaurado em nossos sítios históricos. O pessoal dos boxes de artesanato, que está "imprensado" na antiga Galeria Feitor, bem na frente, vai voltar para um prédio recuperado em toda a sua beleza. Valeu o sacrifício.

Além do pessoal do artesanato, ia ter também um restaurante no Mercado da Ribeira. (Mais um restaurante...). Agora vai ter lá a Oficina Guaianazes de Gravura. Os moradores fizeram um abaixo assinado pedindo para mudar o uso anteriormente projetado, por alguma outra forma que não trouxesse os transtornos que já conhecemos, quando se instala esse tipo de atividade sem obedecer a critérios de boa vizinhança. Valeu o esforço e o pedido dos moradores foi atendido.

A Oficina Guaianazes é formada por um grupo de artistas plásticos que por enquanto funciona precariamente num casarão da Rua de São Bento. Foi assinado um convênio de Cooperação Técnica entre esse grupo e o Centro de Preservação, e foi feita uma cessão do espaço que irão ocupar, a parte inferior do Mercado, através de comodato pela Prefeitura de Olinda, que é a proprietária do prédio.

Existem muitos programas já estudados para divulgação, formação de artistas gráficos, exposições permanentes e rotativas na área da gravura — litografia e gravura em metal, principalmente.

Tudo foi realizado com apoio técnico e financeiro da SPHAN e Fundação Nacional Pró-Memória, da FUNDARPE e da Prefeitura Municipal de Olinda, PMO, através do Programa de Cidades Históricas, PCH.

Assim, a destinação cultural do Mercado da Ribeira, que há quase 20 anos atrás serviu de abrigo aos primeiros artistas e grupos realmente olindenses está assegurada. Esperamos inclusive que o nível do artesanato vendido nos boxes venha a ser o melhor da nossa cidade, e os comerciantes e artesãos locais aí fiquem por muitos e muitos anos... zelando pelo patrimônio que acabam de receber, restaurado e transformado num dos mais importantes atrativos dos nossos sítios históricos!

Uma beleza de idéia



Foi a de seu Lúcio Camelo, proprietário da Panificação Divina, da Rua do Amparo. Seu Lúcio, que é um apaixonado por Olinda, pediu a Bajado que fizesse ilustrações para serem reproduzidas nos sacos de pão da sua padaria. E ainda solicitou aqui para o Centro que bolasse um pequeno histórico de Olinda para pôr abaixo da gravura.

Palmas pro seu Lúcio que ele também merece.



IGREJA DE S. SEBASTIAO NO VARADOURO

Até que enfim começamos as obras de restauração



Vista da igreja de São Sebastião.

Bom, está aí pra quem quiser ver. No dia 22 de maio passado iniciamos as obras. Logo ali, no Varadouro, junto ao prédio da Câmara, na XV de Novembro. Caso demorasse mais tempo não ia sobrar mais nada para restaurar. No máximo sobraria espaço pra estacionar uns 10 carros, e essa não seria uma boa troca para a Cidade Monumento Nacional. . .

O que encontramos naquela igreja foi o testemunho do que pode acontecer durante anos de abandono. Os desabamentos constantes dos trechos das cobertas da nave e da galeria (ossuário) deixavam a igreja praticamente aberta à chuva e sol. Moravam na igreja há muitos anos: Dona Maria Augusta, Seu Geraldo, um carneiro, 6 cachorros e algumas galinhas. Eles foram acompanhando de perto o agravamento da situação a ponto de termos seriamente que eles permanecessem mais tempo por ali. Havia um risco real de desabamento total da cobertura da igreja e quem sabe de algumas paredes.

Hoje acreditamos que vai haver um "final feliz" para a história. Dona Maria Augusta, Seu Geraldo e o "pessoal" estão morando na Rua do Pisa, 61, em Santa Tereza. A igreja está sendo restaurada, e em vez de mais um buraco na nossa memória — como o prédio do Senado da Câmara, a igreja de São Pedro Velho e parte do Convento do Carmo,

perdidos para sempre — teremos mais um monumento restaurado e menos carros estacionados em Olinda.

COMO ISTO ACONTECEU

Não foi num passe de mágica. Há mais de um ano, praticamente desde a criação do CENTRO DE PRESERVAÇÃO, muitos têm lutado para que iniciássemos esse trabalho. A Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), através da 3ª Delegacia Regional e da Direção Nacional, a Fundação Nacional Pró-Memória (80% dos recursos, através do Programa de Cidades Históricas, (PHC), a FUNDARPE, cedendo o projeto arquitetônico, de autoria do arquiteto olindense Jorge Tinôco, a Câmara Municipal, e a Prefeitura (20% dos recursos), que na atual gestão deu o passo definitivo que vai permitir a Olinda restaurar por administração direta (com pessoal próprio, contratado especialmente) o seu primeiro monumento.

E por fim a colaboração de João de Lima Neto, que quando em sua gestão como presidente da Câmara, além de outras providências, elaborou um relatório completo, com fotos, e remeteu a Brasília, contribuindo definitivamente para o início dos serviços.

Fazemos questão de ressaltar esse feito: pela primeira vez um município brasileiro cria uma estrutura técnica e administrativa para cuidar de seu acervo cultural. A prova do acerto dessa decisão está aí, e assumimos este compromisso com a certeza de que, com esforço, o apoio viria no seu devido tempo.

Bem, poderíamos continuar dizendo que está tudo bem, que Olinda está sendo salva, etc, etc. Mas o que tem ainda de trabalho a fazer dá medo. A Igreja de São Sebastião é o primeiro desafio, o teste de fogo.

Por fim, um aviso e um convite.

O aviso: Dentro do FORAL nº 2 tem um encarte (página especial), contando a história dessa igreja que estamos restaurando. É um resumo, mas vão colecionando direitinho que nos próximos números sairão outros sobre os nossos monumentos.

O convite: Nos domingos à tarde, nos feriados também, a partir das 14 horas, vamos abrir a igreja em obras para a visitação pública. Vai ter um pessoal do CENTRO à disposição para guiar as visitas. Vale a pena você ver como se faz um trabalho desses.

Cartas

Ilmo. Sr. Diretor do jornal "Foral"

Atenciosas saudações

Aceite nossos parabéns pela edição do jornal "Foral" relativo à cidade de Olinda, principalmente dedicado à preservação dos sítios históricos da antiga Marim dos Caetés.

Informo que fui Delegada da União Brasileira de Trovadores para o município de Olinda e aqui me encontro à disposição dos Trovadores e dos apreciadores da trova para falarmos sobre a fundação de uma futura seção da UBT (União Brasileira dos Trovadores). A minha nomeação foi feita pelo Dr. Santiago Vasques Filho, assessor Região Norte e Nordeste e pelo Dr. Carlos Guimarães — Presidente Nacional da UBT, respectivamente do Ceará e do Rio de Janeiro.

Envio uma trova de minha autoria, relativa à cidade de Olinda: Olinda (ao meu neto Frederico Guilherme)

"Olinda, o mar, o povo/ As igrejas, a tradição/ És formosa, és catita/ E teu meu coração."

Atenciosamente subscrevo-me, a Confeira

Maria José de Oliveira Nascimento
Rua do Bonfim, 429 — Carmo
53.000 — Olinda

Ilmo. Sr. Diretor do Centro de Preservação dos Sítios Históricos de Olinda

Recebi hoje por um mensageiro o jornal informativo nº 1, "Foral" Li-o com atenção e fiquei surpreendido pela boa qualidade redacional e impressão, como pelo conteúdo, aliando o trinômio: presente, passado e futuro, esclarecendo a comunidade e estimulando-a para uma participação informal sobre os Sítios Históricos de Olinda, e problemas inerentes à conservação destes.

Do admirador e amigo
José Pereira da Costa Brito

Prezado colega

Desejamos sucesso ao surgimento de mais um meio de divulgação, na luta pela preservação dos nossos bens culturais.

Arqto. José Wellington Costa (Aracajú)

Aos amigos de Olinda

Nós aqui do PROJETO PRAIA GRANDE, que sentimos na pele o quanto é difícil tocar os trabalhos de preservação do patrimônio, neste país do futebol, e dos casuísmos, só podemos é dizer a vocês que continuem com a fé e a competência que sempre tiveram e que mandem "pra" nós aqui, de São Luís, as notícias dos trabalhos de vocês. Parabéns.
Arqto. Ronald de Almeida Silva
(SEPLAN — Maranhão)

1º Grito de República

Geralmente conta-se que o "Primeiro Grito" de república foi dado em Olinda. Na verdade essa prioridade olindense não foi um grito, mas uma proposta da autoria de Bernardo Vieira de Melo, no Senado de Olinda. Propunha ele que Pernambuco, tendo em vista as pressões dos Mascates (apelido dado aos portugueses e seus simpatizantes, moradores no Recife), fosse governado por um regime republicano, a exemplo de Veneza. A memorável sessão realizou-se no dia 10 de novembro de 1710. O livro de ata onde a mesma estava registrada, infelizmente perdeu-se em meados do século passado.

O CENTRO DISPÕE DE UM SERVIÇO DE RESTAURAÇÃO DE QUADROS, IMAGENS, E DOCUMENTOS. ESTAMOS À DISPOSIÇÃO AQUI NA RUA DO AMPARO, 28. PROCURE O CENTRO.

"FORAL" é o jornal da Fundação Centro de Preservação dos Sítios Históricos de Olinda (FCPSHO) — Rua do Amparo, 28, Olinda. ● Diretor: Antenor Vieira de Melo Filho ● Edição, Ilustração e Diagramação: Paulo Santos ● Pessoal do Centro que colaborou nessa edição: Fernanda, Mauro, Garcia, Jaci, Marta e Celso ● Tiragem: 4.000 exemplares ● Composição: Comunicarte ● Impressão: FIDA Editorial ● Distribuição gratuita aos moradores da área dos sítios históricos de Olinda.

ESPECIAL 1

Este Informativo do Foral faz parte de uma série programada, onde serão divulgados os nossos monumentos e fatos históricos — culturais relacionados com a vida de nossa Cidade.

O número 02 está sendo elaborado sobre a Igreja do Amparo, que será também restaurada, devolvendo-se mais um monumento ao uso e acrescentando as informações básicas para uma maior compreensão do valor de nosso acervo cultural.

Igreja de S. Sebastião

No século XVII, as condições higiênicas nos centros urbanos pouco se diferenciavam das do período medieval. Os dejetos eram lançados à rua, e, somados, a uma paupérrima dieta alimentar, propiciavam a pestilência. As populações citadinas de toda a Europa encontravam-se em eterno estado de apreensão, pois as pestes se sucediam freqüentemente e a mortalidade, por tal motivo, era um fato presente. Se nas metrópoles isto ocorria, é fácil imaginar-se qual seria a vida nos centros urbanos coloniais, que em sua maioria absoluta, cresceram sem a menor infra-estrutura de serviços públicos.



Olinda, além de somar todos estes fatores, se encontrava cercada por pântanos e alagados o que contribuía ainda mais para o estado de insalubridade. Quando a epidemia de febre amarela penetrou em Olinda, os índices de mortalidade alcançaram níveis nunca vistos. Relatos da época, como o do Frei Manuel Calado, nos põem a par do pânico generalizado "... a seca foi tão rigorosa e as calmas apertavam demasiado por ser meio do verão, sobrevieram em Pernambuco duas doenças contagiosas de catarrhos pontadas e febres malignas com as quais morreu muita gente por toda a Capitania e com mortes tão apressadas, que dentro de 24 horas picava a enfermidade e o enfermo acabava a vida. Vendo o Governador João Fernandes Vieira que isto era como ramo de peste... mandou pôr no hospital (da Misericórdia) em altar imagem de São Gonçalo, aonde todos os dias se celebravam missas e logo ordenou que se fizesse uma procissão solene na qual... se levasse a imagem do Glorioso São Sebastião e se deixasse no hospital, para ir buscar na véspera de seu dia...".

A população alarmada necessitava de uma solução e como não havia alternativa medicinal na época, apelou-se à proteção divina; assim sendo, foi concebida

a ideia da construção de uma igreja em invocação a São Sebastião, protetor e advogado das pestes, no ano de 1686. Até 1691, o andamento das obras foi lento. Porém a partir desta data a peste agravou-se sensivelmente devido, acredita-se, a existência de uma ponte de pedra no Varadouro que contribuía para a estagnação das águas. O povo, precisando da rápida intervenção do protetor, acelerou o ritmo das obras. Assim, foi erguida uma construção simples, de um só corpo, onde se localizava o altar do santo protetor. Esta configuração simples e humilde, como se supõe, permaneceria até, aproximadamente, o ano de 1725.

Em 1729, provavelmente já haviam ocorrido mudanças na fisionomia da igreja pois, nessa data, em pintura de autor desconhecido, pode-se vê-la como uma capela com nave. Logo, acredita-se que foi acrescentada à construção primitiva, uma nave com três vãos de acesso, iluminada por um pequeno óculo no tímpano do frontão. Além disso, foi construída uma sacristia no lado esquerdo da capela-mor.

Mesmo após estas reformas, a igreja se encontrava pobre em ornamentos, sendo preciso que em 1736, o Rei de Portugal autorizasse a compra dos mes-

mos pelo Senado, então administrador do Templo. Entre estes ornamentos encontram-se os três altares, que não são os existentes, segundo o Prof. Augusto da Silva Telles, pois os que ainda lá estão hoje, têm nítidas características do final do século XVIII. Estes altares, autorizados pelo Rei em 1736, possivelmente seriam bem mais simples, a exemplo de algumas igrejas, sendo pintadas no reboco ou painéis de madeira.

Durante todo o restante do século XVIII até meados do seguinte, a Câmara de Olinda manteve, com os seus próprios recursos a igreja, o capelão e o sacristão. Neste período a festa de São Sebastião era comemorada em cada 20 de janeiro, aonde era aclamado o "protetor e advogado do contágio".

Há referências — não documentadas — nos "Anais Pernambucanos" de Pereira da Costa que em 1819 a igreja sofreu nova reforma na fachada. Pela escassez de dados, deduz-se que a fachada tomou nova configuração, mesclando ao detalhismo barroco alguns elementos do simplismo neo-clássico.

Em 27 de julho de 1854, a Câmara da cidade, em sessão ordinária, resolveu conceder licença para os irmãos da Irmandade de Nossa Senhora do Bomparto estabe-

lecerem-se na Igreja de São Sebastião. Para isto, a Câmara impôs uma série de condições. O "Termo de Obrigação e Fiança", como assim era chamado a série de condições, impunha aos irmãos da dita Irmandade 9 (nove) termos de obrigações administrativas. Há pelo menos 2 (dois) termos muito interessantes, que aqui iremos transcrever:

Termo 3º — "que a Imagem da Senhora do Bomparto será colocada em alguns dos altares da mencionada igreja, sem que sejam deslocadas de seus lugares as imagens existentes, isto somente por espaço de dous annos no fim dos quais deverá estar collocada a dita Imagem da Senhora do Bomparto em altar feito pela respectiva Irmandade".

Segundo comenta o autor do projeto da Igreja de São Sebastião, o Arquiteto Jorge Eduardo Lucena Tinoco: "... cabe informar que em 1856 a imagem de Nossa Senhora do Rosário, que estava inserida no nicho do arco de passagem da ponte do Varadouro, foi levada pela Prefeitura da cidade à Igreja de São Sebastião devido a demolição do arco nesse ano. Este fato leva supor que os altares laterais do cruzeiro teriam sido construídos nessa época para abrigar as imagens da Senhora do Bomparto (lado da epístola), conforme condições do Termo, e a de Nossa Senhora do Rosário (lado oposto) que se transferia devido as obras de demolição do arco. Ao analisarmos a composição dos retábulos da igreja juntamente com o Prof. Silva Telles, notamos que os altares laterais possuem algumas características neo-clássicas que os diferem da fatura do retábulo da capela-mor e que, possivelmente, esses foram executados copiando alguns elementos decorativos daquele, ou seja, mesa do altar, bases das colunas. . . No entanto, nada podemos afirmar, pela falta de documentos e de prospecção mais minudente". (SIC)

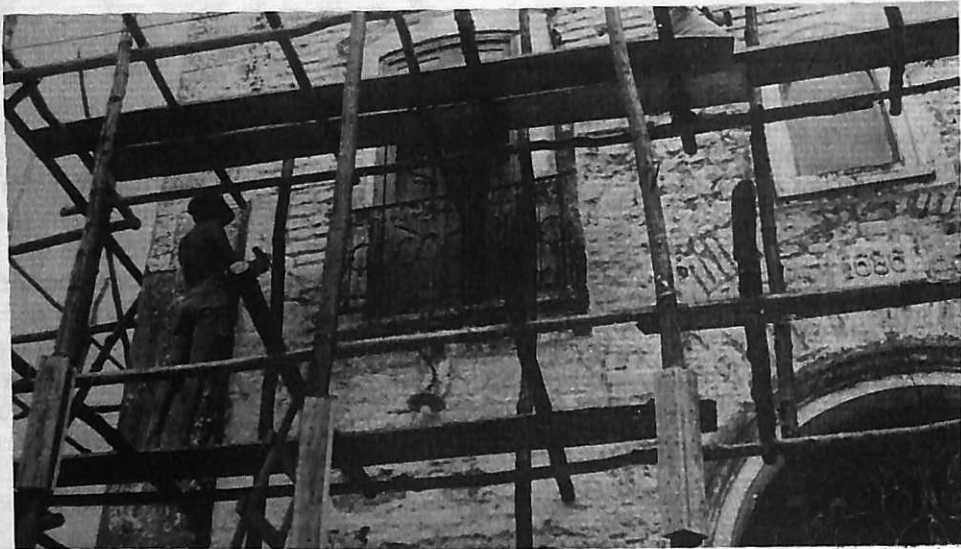
Outro termo interessante é o 4º, pois neste estão as condições de "enterramento" dos irmãos da Irmandade: 4º — "que poderão fazer no corpo da igreja enterramentos de seus irmãos por espaço de dous annos contados da data deste Termo em diante, findo os quais deverão ser praticados esses enterramentos em catacumbas que serão feitos no quintal ou cemitério da mesma igreja à custa da Irmandade, ficando vedados esses enterramentos se a dita Irmandade não apresentar no referido prazo de dous annos as catacumbas".

Assim, acredita-se que o dito cemitério da Igreja estendia-se da parte de trás da capela-mor, até o terreno do atual Cine Duarte Coelho, sendo esta hipótese confirmada quando das prospecções a posteriori.

Com o surgimento da República em 1889, ocorre uma série de mudanças nas legislações administrativas das municipalidades, e sendo assim, a Câmara Municipal de Olinda não tinha mais condições jurídicas para administrar a Igreja. Então, em 1891, a Câmara resolveu ceder definitivamente São Sebastião à Irmandade do Bomparto, e, talvez por falta de recursos, houve a partir daí uma rápida deteriorização do Templo.

Em 1977, a Câmara resolveu resgatá-lo da Irmandade, pois além da dita Irmandade se encontrar com poucos irmãos, estes já não seguiam mais os propósitos da mesma.

Esses são alguns aspectos gerais da história do monumento que agora está sendo mais conhecida com os trabalhos que vem



sendo realizados desde o dia 25 de maio p/passado, pelo Centro de Preservação.

Foram encontrados, até agora, uma série de elementos construtivos que haviam sido danificados com as reformas efetuadas na década de 30, provavelmente, o que modifica em parte o projeto original, principalmente em relação à cobertura da nave e a uma revalorização do monumento, o que faz registrar uma maior importância arquitetônica em nosso acervo de edifícios religiosos, recuperando parte de sua feição mais digna que a encontrada com os trabalhos que o danificaram.

A obra está prevista para 12 (doze) meses de serviços, e vem sendo executada com pessoal especializado contratado pelo Centro de Preservação e com sua inteira responsabilidade técnica de acompanhamento através do Arquiteto Antenor Vieira de Melo Filho.

Os recursos, na ordem de Cr\$. 7.863.190,00 (sete milhões, oitocentos e

sessenta e três mil, cento e noventa cruzeiros) foram contratados através do Programa de Cidades Históricas — PCH, da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — SPHAN, e Fundação Nacional Pró-Memória — FNPM, que entram com 80% do valor global e a Prefeitura Municipal de Olinda — PMO, com 20% através do Fundo de Preservação dos Bens Móveis e Imóveis de Olinda, criado juntamente com o Centro e o Conselho de Preservação, em 12 de março de 1980.

A Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco — FUNDARPE, cedeu, também sob convênio, o Projeto de Restauração, de autoria do Arquiteto Jorge Eduardo Lucena Tinoco.

Para maiores informações, procure o Centro de Preservação e compareça à igreja solicitando permissão para visita, à Rua do Amparo, nº 28, sede do Centro de Preservação, que destacará dia e horário, com pessoal para acompanhamento.

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA:

- Frei Bonifácio Mueller — "Olinda e suas Igrejas"
- Francisco A. Pereira da Costa — "Anais Pernambucanos" vol. IV
- Carta da Câmara de Olinda ao Rei de 22 de julho de 1686
- AHU — Pernambuco, papéis avulsos, caixa 7 — lote 87
- Carta da Câmara de Olinda ao Rei em 31 de agosto de 1734
- AHU — Pernambuco, papéis avulsos, caixa 7 — lote 87
- Carta do Arcebispo da Arquidiocese de Olinda e Recife, de 21 de setembro de 1958. Arquivo do autor.
- Consulta do Conselho Ultramarino — Lisboa
- AHU — Pernambuco, códice 256, fls. 66v.
- Consulta do Conselho Ultramarino — Lisboa
- AHU — Pernambuco, papéis avulsos, caixa 27 — lote 6.
- "Termo de Obrigações e Fiança" de 27 de julho de 1854
- Prefeitura Municipal de Olinda — Livro 10
- "Termo de Entrega Definitiva" de 24 de setembro de 1891
- Prefeitura Municipal de Olinda — Livro 10
- Projeto de Conservação e Restaura-

ção da Igreja de São Sebastião — Autor — Jorge Eduardo Lucena Tinoco — Não publicado

RESUMO DAS PRINCIPAIS DATAS

- 1686 — Data em que os oficiais da Câmara de Olinda solicitam ao Rei D. Pedro II de Portugal autorização para construção de uma Igreja em invocação à São Sebastião, protetor das pestes.
- 1691 — Ano em que a peste se alastra em níveis nunca vistos.
- 1736 — Data em que o Rei de Portugal manda confeccionar três altares na Igreja.
- 1854 — Data em que a Câmara da cidade autoriza a Irmandade de Nossa Senhora do Bomparto que se estabeleça na Igreja de São Sebastião.
- 1889 — Proclamação da República, e com isto, ocorre mudanças nas Legislações administrativas da municipalidade.
- 1891 — A Câmara cede definitivamente a Igreja de São Sebastião à Irmandade do Bomparto.
- 1977 — A Câmara resgata a Igreja da Irmandade.
- 1981 — 25 de maio — Início da Restauração da Igreja pelo Centro de Preservação.

ROQUE FOGUETEIRO: artesão e animador da vida



Roque Fogueteiro em sua oficina de trabalho.

Muitas das máscaras usadas pelo pessoal da Pitombeira e do Elefante e pelos palhaços no carnaval de Olinda. Os foguetes e rojões que pipocavam anunciando a chegada das grandes agremiações carnavalescas, a restauração de imagens dos santos das igrejas e pertencentes a pessoas devotas. . . Coisas bonitas que tem muito a ver com a vida e o costume da nossa cidade. Pois essas coisas, entre muitas outras, saíam das mãos de um homem muito humilde, que muita gente sabia quem era, mas poucos conheciam realmente, e cujo trabalho nunca foi reconhecido.

Hoje essas mãos não trabalham mais. Agostinho de Gonçalves Penna, o Roque Fogueteiro, artesão, inventor, pirotécnico, faleceu a alguns meses e sua ausência está sendo sentida. No carnaval deste ano, por exemplo, os clubes tiveram que procurar seus foguetes fora daqui, porque em Olinda não havia mais quem os preparasse.

Roque era o que poderia se chamar de "uma figura esquisita". Atencioso com as pessoas que o procuravam, atrás dos seus serviços. Bondoso com as crianças que queriam fogos. Vivia, no entanto, o tempo todo só, enfiado dentro de casa, lendo, estudando, trabalhando.

Tímido, saía para ver o carnaval que ele tanto ajudava a fazer, mas sem nunca

cair na brincadeira. No fim da vida, praticamente só botava o pé na rua pra comprar seus materiais de trabalho.

Materiais dos mais diferentes tipos. Sua casa vivia atravancada de produtos químicos, de peças que ele restaurava, de invenções as mais esquisitas. Era um homem de muito conhecimento e esperteza pra muitas coisas. Durante a vida chegou a tocar banjo, fazer sapatos, roupas, consertar brinquedos, fazer cerâmica, decoração de peças, e, quando moço, algumas pinturas. Lia muito, pesquisava seus ofícios. Inventou uma máquina de encher lança-perfume. Até remédios chegou a fazer. Sua família encontrou em casa correspondências para o "doutor" Agostinho, de laboratórios de São Paulo. Ele fazia pedidos de produtos químicos e as pessoas de lá certamente pensavam que ele era um médico, químico ou laboratorista. Também era "doutor" em bonecas — mantinha em sua casa um "Hospital de Bonecas".

Fazia poesias. Aliás, a poesia estava em tudo que ele fazia.

Quase sempre foi solitário, mas chegou a conviver algum tempo com uma senhora, da qual teve um filho. Botou na criança o nome de Caramurú. Esse menino faleceu com pouco mais de 10 anos e aí Roque passou a viver definitivamente sozinho.

Fazia sua própria comida, não deixava que ninguém o cuidasse. Não gostava de incomodar ninguém, nem de ser incomodado. Trabalhava até altas horas da noite com pólvora e outros materiais químicos na sua casa pequena, humilde, sem ventilação, entupida dos mais diferentes objetos. Já com idade avançada, sua saúde foi indo, seu corpo foi cedendo, até que chegou ao fim.

Da família, olindense de muitos anos, apenas um sobrinho, Carlos Alberto, herdou algumas das aptidões do tio — trabalha com cerâmica.

Olinda perdeu um dos seus filhos mais criativos e um artista que, praticamente no anonimato, contribuiu muito pra fazer a alegria e a beleza da nossa cidade.

A arte de acreditar na força, de aprender e fazer, mesmo sem escolas, sem anéis nos dedos.

Artesão maior, por extrair da vida uma cultura própria, não se render — lutar, como Roque fez.

Um artesão da vida, nas bonecas e santos renascidos de suas mãos, no seu "hospital", sem a poesia falsa e colorida das novelas de hoje.

Uma realidade dura, pobre, como único material para moldar sua obra mais rica — sobreviver, com seu saber próprio, com suas esquisitices em procurar sempre, e descobrindo em Olinda o seu pequeno grande mundo. Na Rua das Bertiogas, casa de taipa, porta e janela, um fazedor de coisas, alquimista, ermitão urbano.

Entre os seus feitos, o maior — continuar no meio de sua gente. Este, ele executou com capricho, sem nunca pensar nisto, juntando uma tristeza aqui uma alegria ali, animando a vida a um ponto de isolar-se dela, para sabê-la melhor, como guardando-a para viver agora, na memória de Olinda.

E quem imagina que ao isolar-se ele fugia, no fim da vida, não sabe que aí estava sua luta mais brava, enfrentando a morte cara-a-cara, de frente, sabendo dela, foguete forte no estouro, subindo sempre. . .

Antenor Vieira de Melo Filho

ECOLOGIA: A luta já vem de longe.

DO ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL
(BIBLIOTECA DE DOCUMENTAÇÃO E
PESQUISA DO CENTRO DE
PRESERVAÇÃO)

ANAIS DA CÂMARA MUNICIPAL
DE OLINDA
(LIVRO DE OFÍCIOS E DOCUMENTOS
DA CÂMARA 1889/1892)

Edital

A Intendencia Municipal de Olinda e seu termo em virtude da Lei. . . (inelegível)

Fas constar a seus munícipes e a quem interessar possa que promulgou os seguintes artigos: Artigo 1º Da data dessa postura em diante, e dentro do prazo de trinta dias, todo proprietário ribeirinho na extensão do rio Beberibe, a partir do sítio Peixinhos, é obrigado a plantar árvores nas margens do mesmo rio sob pena de multa de dez mil reis ou dous dias de prisão. Artigo 2º — Nas mesmas penas in-

correrá aquelle que cortar ou danificar árvores nas margens do dito rio. Artigo 3º — É prohibido pescar, a não ser com anzol, no rio Beberibe, sob as penas acima indicadas. Artigo 4º — Na reincidencia, as penas serão elevadas ao duplo. E para que chegue ao conhecimento de todos mandam publicar pela imprensa e a affixar na porta do edificio dessa Intendencia.

Paço da Intendencia Municipal de Olinda 15 de Outubro de 1891.

Ernesto d'Aquino Fonseca
Presidente

José Maximiano de Fonseca Manguinho
Secretário

CONCURSO "DATAS SIMBÓLICAS DE OLINDA"

É um pequeno concurso que vamos promover a partir desse número do FORAL. Se você quer participar, faça o seguinte:

Escolha uma data das que foram publicadas nos números 1 e 2 do FORAL, ou outra qualquer que você considera importante, do passado da nossa cidade e da nossa gente. Vale fatos históricos ligados à você mesmo, sua família, seu bairro, desde que referente à nossa vida local.

Se possível, diga porque escolheu a data, o que ela representa para você. Conte a história, tirada de qualquer livro ou outra fonte de consulta, ou use seu próprio conhecimento. Isso se você tiver tempo e gosto de fazer, se não, bote só a data mesmo no papel.

Ponha nome e endereço e mande então para o Centro de Preservação — Jornal FORAL, ou traga aqui pessoalmente.

COMO VAI SER O SORTEIO

Vamos supor que você escolheu a data "1630" — Invasão dos holandeses.

Primeiro, a gente tira o "1" da milhar e deixa só a centena "630".

Você vai ter 6 oportunidades de concorrer com essa centena — com os números "6", "3" e "0", embaralhados de todas as maneiras possíveis: 603, 630, 036, 063, 360 e 306.



No próximo dia 04 de setembro vamos fazer um sorteio aqui no Centro, com a presença de pessoas da cidade para servir de testemunhas. O vencedor do sorteio, ou os vencedores, receberão, cada um, 3 lindas gravuras sobre Olinda feitas pelos artistas da Oficina Guaianazes.

Os números atrasados do FORAL estão à disposição de todos no Centro de Preservação. Se você não tem, venha buscar o seu. É grátis.

CRUZADOX

A F G O P Q R C D V Ã U X
O B E F O U U J G H G H O
R H R G T A L F A R O L Ã
A N M A L T M M A O M T I
P M A L I R R O U L N X T
M L N O H O A I H B J V S
A O O M G R B O I H G N A
F A C H O O C P N I A H B
M F O L F D D R C O L I E
R H E A A A F S D F O A S
T G L R B S O O I J P B O
U Ã H C B E B E R I B E Ã
B F O R A L I C S H R U S

- 1 — Prefeito de Olinda
- 2 — Hotel 5 estrelas
- 3 — Rua do Centro de Preservação
- 4 — Nome desse jornal
- 5 — Rio que banha Olinda
- 6 — Igreja ao lado da Câmara
- 7 — Faculdade de Ciências Humanas
- 8 — Praia de Olinda

O Cruzadox do Foral Nº 1 saiu mesmo cruzado. Sabemos de leitores que fundiram a cuca por conta dos erros — em vez de "Varadouro" saiu "Varadoro", em vez de "Catedral de São Salvador" (Sé de Olinda), saiu "Catedral de São Cristovão". Assim ninguém acertava mesmo!

Pedimos desculpas pelos erros

Algumas questões do próximo Cruzadox serão também sobre assuntos publicados no FORAL. Conserve o seu jornal, senão vai ter que pedir emprestado o do vizinho.

O Cupim por Paulo Santos.

